

AFROS & AMAZÔNICOS



CARTA DE MANOEL URBANO SOBRE OS COSTUMES E CRENÇAS DOS ÍNDIOS DO PURUS

Forma de citação

URBANO DA ENCARNAÇÃO, Manoel. Carta sobre costumes e crenças dos índios do Purús, dirigida a D. S. Ferreira Penna. In: *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, v. 3, n. 1-4, p. 94-97, 1902.

Contextualização do documento e de seu autor

A fonte mais importante para conhecimento histórico dos primeiros anos de exploração do Rio Purus advém do prático – perito em navegação – Manoel Urbano da Encarnação (1808-1897) e de sua família, especialmente seu filho Manoel Braz Urbano Gil da Encarnação. Manoel Urbano, como é mormente conhecido, já explorava o Rio Purus antes de 1845 e muito do conhecimento a respeito dos povos indígenas e da geografia da região publicado por outros exploradores, etnógrafos ou colonizadores advém de seus conhecimentos práticos, como, por exemplo, João Martins da Silva Coutinho (1830-1889), William Chandless (1829-1896), Coronel Antonio Rodrigues Pereira Labre (1827-1899), Paul Ehrenreich (1855-1914) e Joseph Beal Steere (1842-1940) que reconhecem explicitamente terem obtido informações diretamente de Manoel Urbano.

Em 1861, ele foi encarregado pelo presidente da província Manoel Clementino Carneiro da Cunha de explorar o Purus com a finalidade de encontrar uma possível passagem para o Alto Madeira. Em sua expedição até o Alto Purus, também subiu o Rio Acre durante 20 dias. Na verdade, a partir dessa década, Urbano exploraria, oficialmente ou por conta própria, toda a extensão do Rio Purus que atualmente faz parte do território brasileiro e inúmeros outros rios e igarapés.

Além das informações presentes nos relatos e escritos etnográficos desses autores, Manoel Urbano pode ser considerado autor de um relato de exploração dos rios Mucuí e Ituxi que teria feito em 1864. O relato oficial que possuímos é de autoria de Coutinho (1866[1865]), mas tudo indica que Manoel Urbano teria narrado e passado informações de sua expedição para que este explorador pudesse fazer o relato oficial.

Dessa forma, esse caboclo afro-brasileiro é tido como o grande desbravador do Purus e das terras acreanas. Apesar de algumas fontes relatarem que ele não sabia escrever, o Boletim do Museu Paraense publicou em 1902 uma carta de sua autoria sobre os costumes e crenças dos índios do Purus datada de 1882. A carta foi endereçada a Domingos Soares Ferreira Penna, um dos fundadores da Sociedade que daria origem ao Museu Paraense (atual Museu Paraense Emílio Goeldi).

O que trazemos nesta sessão da revista é justamente esse documento histórico de valor inestimável para a historiografia regional por se tratar de um escrito de um explorador afro-brasileiro que conviveu com os povos indígenas da região e que nos deixou relatos de suas impressões e observações, indireta e diretamente.

Rogério Sávio Link



BOLETIM

DO

MUSEU PARAENSE

(MUSEU GÆLDI)



BOLETIM
DO
MUSEU PARAENSE
DE
HISTORIA NATURAL E ETHNOGRAPHIA
(MUSEU GÆLDI)

TOMO III

(FASCICULOS 1—4)

1900—1902



PARÁ—BRAZIL

TYPOGRAPHIA DE ALFREDO SILVA & COMP. (Fasc. 1 e 2) E DO
INSTITUTO LAURO SODRÉ (Fasc. 3—4).

1902

Indice

gião dos furos de Breves em 1900 e 1901, pelo Dr. J. Huber.	400—416
X) Contribuição à geographia physica dos furos de Breves e da parte occidental de Marajó, pelo Dr. J. Huber (com dois mappas e cinco estampas).	447—498

C) GEOGRAPHIA E ETHNOGRAPHIA

I) Carta de Gustav Wallis dirigida a D. S. Ferreira Penna sobre o Rio Branco.	88—94
II) Carta sobre costumes e crenças dos Indios do Purús, dirigida a D. S. Ferreira Penna, por Manoel Urbano da Encarnação.	94—97

<i>BIBLIOGRAPHIA</i> —	580—605
------------------------	---------

Bayern, Therese Princessin von n. 43—Berlepsch, H. von e Hartert, Ernst, n. 24—Bertoni, A. de Winkelried, n. 19—Boulenger, G. O. 39—Brandes, G. e Schoenichein, W. 32—Buscalioni, L. 9—Buscalioni L. & Huber, J. 46—Christ, H. 65—Cope, E. D. 26—Ducke, A. 48—Engler, A. 60—Forel, A. 49—Fredrikson, A. Th. 53—Gadow, Hans 31—Gœldi, E. A. 10, 23, 27, 29, 30, 38, 40, 41—Gœldi, E. A. & Haggmann, G. 28—Goodfellow, W. 25—Gough, Lewis, Henry 44—Haggmann, G. 15, 18, 20, 35—Hennings, G. 66—Huber, J. 3, 4, 5, 62, 63, 64—Ihering, H. von 1—Kerr, J. Graham 36, 37—Kraatz-Koschlau & Huber 2—Lindman, C. A. M. 56, 57, 58, 59—Malme, G. O. A. 52, 54, 55—Martina, G. 61—Mathis, Constant 8—Merriam, C. Hart 16—Nehrkorn, A. 21—Oates, W. 22—Pector, Désiré 13—Pilger, R. 51—Platzmann 11—Ranke, J. 14—Riffarth, H. 42—Sampson, Lilian, V. 34—Steinen, K. von den 12—Thomas, Oldfield 17—Ule, E. 47—Wasmann, E. 45, 50—Wiedersheim, R. 33.

ILLUSTRAÇÕES

I) <i>Chrysophyllum excelsum</i> nov. spec. «Sorva do Perú».	58
II) <i>Lucuma</i> (<i>Vitellaria</i>) <i>macrocarpa</i> nov. spec. «Cutitiribá grande».	58
III) <i>Blarinomys breviceps</i>	166
IV) <i>Mesomys ecaudatus</i> , um roedor esquecido du-	

da Guyana ingleza. Se forem desejadas mais algumas informações, de bom grado as darei, á medida das minhas forças — logo que terei o gozo de apresentar-me de novo em pessoa á V. S.^a. Sou com especial estima e consideração

De V. S.^a Obr.^{mo} e Att.^o criado

GUSTAVO WALLIS.

Horticultor botânico

Forte São Joaquim, 23 de Maio de 1863.

Ill.^{mo} Sr. Domingos Soares Ferreira Penna — Pará.

II

Carta sobre costumes e crenças dos Indios do Purús,
dirigida a D. S. Ferreira Penna

Por MANOEL URBANO DA ENCARNAÇÃO

Os selvagens fazem muitas festas, porém, ha uma no anno que são obrigados a fazer e onde contam as historias antigas conforme as tribus.

Festa de annos

Depois de todo preparado, tratam de convidar as outras tribus, e reunidos todos começam a tocar os instrumentos. N'isto fazem um silencio e um dos chefes diz que vae contar as historias antigas.

Diluvio

Ha muito tempo houve signaes no sol que ficava escuro e ao mesmo tempo encarnado. Acontecia o mesmo com a lua. De noite ouviam-se muitos tropeis e batidos pelos paus, grandes estrondos que pareciam ser ora debaixo da terra, ora no



céu. Os animaes espantados corriam d'uma parte para outra, os que eram ferozes ficavam mansos se alguém se approxi-mava. Durou isto um mez pouco mais ou menos. Depois ou- viram-se grandes estrondos que partiam de todos os lados, parecia que a terra estava se desfazendo, viram uma escuri- dão do céu á terra que trazia vento e grande chuva. Com este movimento já morria muita gente de susto, a agua cres- ceu com uma velocidade espantosa matando muita gente, só escapou Safará, Uaçú, suas mulheres e algumas pessôas; os paus altos ficaram só com os ramos de fóra; sustentavam-se com folhas e que estas ficaram doces. Depois que baixaram as aguas trataram de fazer suas jangadas com medo de novo acontecimento, mas vendo que não havia mais nada deixa- ram as jangadas á tribu Paumary que até hoje ainda as usa. Dando por terminada a historia começa o chefe a seguinte:

Conta que em outro tempo o dia ficou feito noite e durante este tempo ouviram muito barulho. Mas não sabiam qual o motivo: uns diziam que o sol se tinha acabado, outros que ti- nha ido illuminar outros povos. Foi escurecendo das dez para ás onze horas do dia, porém pouco durou; ás quatro horas da tarde pouco mais ou menos parecia que ia amanhecendo tornando a escurecer novamente. O dia seguinte esteve no seu natural. Entra outro e conta a historia do urary ou hervadura:

Os antigos reparavam no gavião real quando ia procurar a preza: primeiramente arranhava a arvore da hervadura, el- les então vendo isto tambem esfregavam lá a ponta das flexas na occasião de irem para as caçadas. Reparavam que as ca- ças que flexavam ficavam repentinamente enfraquecidas; re- conhecendo, que faziam grande vantagem tratavam de engros- sar mais, raspando e cosinhando a casca da hervadura. Vendo que matavam com mais rapidez, engrossavam ainda mais e d'esta forma descobriram o meio de preparar. Findas as histo- rias é que dançam tanto os homens como as mulheres e gas- tam com esses festejos tres dias. As historias que contam por essa occasião são muitas.

Casamentos

Os casamentos tem muitas ceremonias, porém, só fallo das ultimas. Amarram uma maqueira muito comprida e fazem sentar o noivo e a noiva de costas um para o outro. Vem uma velha aconselhar a noiva ensinando como é a vida de cazada;

o mesmo faz com o noivo um velho. Depois duas velhas examinam se a noiva sabe fazer balaio, panella, toupé, abano, tacy e outras obras pertencentes a mulher; outros dois velhos examinam se o noivo sabe fazer arcos, flexas, sarabatanas, panacú, curahy, etc. Acabado isto fazem sentar a noiva direito e puxam-lhe os dedos das mãos e dos pés, põem um panellão d'agua junto d'ella e vem uma porção de mulheres com o seu raminho na mão dançando ao redor, mettendo o ramo n'agua e sacudindo na noiva; a esse tempo já os outros estão dançando, em seguida enxugam bem o corpo da rapariga, enfeitam-n'a de pennachos e levam para a casa da festa. Lá chegados elles põem os braços d'ella por cima dos hombros do noivo e outros fazem grande alarido em signal de alegria. Quando acabam d'estes festejos o pae e a mãe não têm mais poder nas filhas. As que não tem a felicidade de se casar dão o nome de maiçáque quer dizer solteira.

Baptismo

Tambem o baptismo é festejado. Depois de tudo preparado juntam as crianças que têm de ser baptisadas pelo maioral de sua religião, ao qual dão o nome de Mendy, Joi-matê ou Carimandê, e furam-lhe os beiços; os padrinhos levam uma lambada com os braços suspensos em paga do baptismo. Em seguida tratam-se por Uçairy que significa compadre. Além d'estas ainda ha outras ceremonias.

Ha tambem pelo inverno, e em certo dia marcado, outro festejo. Fazem uma reunião, os homens tocam os tourés grandes. O som é rouco, e n'esta reunião guardam um grande silencio ouvindo-se apenas o som dos tourés. O sustento d'elles, n'esse dia, é peixe.

Pegam na cana dos braços dos homens mais notaveis, já fallecidos, que houve entre elles, e salta um dos chefes no meio do salão fazendo todos os gestos d'essa pessoa quando viva, dizendo:

«Este foi quem venceu tal guerra!»

«Este foi quem nos ensinou a fazer tal couza!»

E tudo quanto fazia quando vivo. Acabado isto entra outro dizendo da mesma forma o que fazia o fallecido. Este festejo só é feito aos homens mais notaveis que houve entre elles. Depois de acabada a festa, guardam os ossos dentro d'um panellão dependurado.

Enterro

Quando morre qualquer um d'elles ha grande choradeira entre grandes e pequenos. O choro é cantado. Depois fazem uma sepultura redonda e enterram o defuncto sentado acompanhado de enorme choradeira. Uma vez enterrado ainda choram sobre a sepultura e passados dois dias levam algum sustento para o finado.

Ainda ha outras ceremonias e historias que deixo de mencionar, devido a grande occupação que tenho.

Rio Purús — Canutáma, 24 de Agosto de 1882.

MANOEL URBANO DA ENCARNAÇÃO.